

Isolamento deixa país mais imune a freio global

Segundo analistas, economia relativamente fechada ameniza os efeitos de uma desaceleração mundial sobre o Brasil

Luciana Rodrigues

• Uma das maiores pedras no sapato da economia brasileira pode, paradoxalmente, ajudar o país a atravessar com mais tranquilidade a desaceleração econômica mundial. Com apenas 17% do PIB vindo das trocas comerciais com outros países, o Brasil estaria relativamente imune ao freio global puxado pela desaceleração americana.

— Além de ainda sermos uma economia extremamente fechada, menos de um quarto de nossas exportações vão para o mercado americano — explica Paulo Leme, diretor de mercados emergentes da Goldman Sachs.

A opinião é compartilhada por José Alexandre Scheinkman, professor da Universidade de Princeton.

— O isolamento do Brasil é uma grande desvantagem em geral, mas agora ajuda a diminuir o impacto de uma recessão externa — afirma.

Situação melhor que a de outros países da AL

Os economistas lembram ainda que, quando se compara o Brasil aos pares na América Latina, a situação parece ainda mais confortável. A Argentina está se recuperando de uma séria crise e precisa muito da estabilidade financeira mundial para voltar a ter acesso a crédito internacional. E o México tem mais da metade de seu PIB resultante de exportações para os EUA.

No caso do Brasil, os economistas não esperam uma redução significativa no fluxo de capitais para o país, que cobre o rombo da balança comercial e o déficit em conta corrente.

Para o ex-ministro da Econo-



mia Marcílio Marques Moreira, consultor sênior da Merrill Lynch, o freio nos EUA será, de certa forma, bom para o Brasil. Ele lembra que a queda de juros americanos, para tentar reativar a economia, dará mais liquidez aos mercados internacionais e o Brasil pode receber mais recursos. Além disso, acrescenta Marcílio, com o desaquecimento global, os pre-

ços internacionais do petróleo tendem a parar de subir, o que favorece a nossa balança comercial.

Paulo Leme, da Goldman Sachs, acrescenta que o Brasil só precisa se preocupar com uma queda no fluxo de investimentos se os EUA entrarem, de fato, num forte período de recessão que cause um grande tremor nos mercados financei-

ros globais.

Já Scheinkman diz que as empresas de alguns setores específicos, que estão sendo mais fortemente atingidos pela desaceleração da economia global, podem reduzir seus investimentos no Brasil. Ele cita as companhias de telefonia e a indústria automobilística.

Mas há quem aposte num baque maior para o Brasil.

Carlos Langoni, ex-presidente do Banco Central e diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas (FGV), acredita que o freio nos EUA vai afetar o mundo inteiro e, inevitavelmente, o Brasil:

— Nós já temos problemas com as exportações e, este ano, o comércio mundial deve crescer a um ritmo de apenas 4% a 6%, no máximo; enquanto

Sérgio Andrade/16-10-98



SCHEINKMAN: isolamento é ruim mas ajuda a reduzir impacto externo

Ronaldo Zanon/25-5-97



O EX-MINISTRO Marcílio: Brasil pode receber mais investimentos

em 2000 esse crescimento foi de 10% — afirma.

O isolamento do Brasil, que seria temporariamente favorável diante do freio global, não escapa de críticas.

— O país poderia estar crescendo a ritmos bem maiores do que os atuais se tivesse uma economia mais integrada ao resto do mundo — diz Paulo Leme. ■